



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA- DG
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JOSÉ ITALO YORRAN DO NASCIMENTO

**O USO DA MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: UMA EXPERIENCIA A PARTIR DO
ESTUDO DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NO 7º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**CAMPINA GRANDE-PB
2024**

JOSÉ ITALO YORRAN DO NASCIMENTO

**O USO DA MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO
ESTUDO DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NO 7º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de Licenciatura
Plena em Geografia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
graduado/licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Nathália Rocha Morais

CAMPINA GRANDE-PB
2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244u Nascimento, José Italo Yorrán do.

O uso da música como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem em geografia [manuscrito] : uma experiência a partir do estudo da região nordeste do Brasil no 7º ano do ensino fundamental / José Italo Yorrán do Nascimento. - 2024.

37 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Profa. Ma. Nathália Rocha Morais, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC. "

1. Música. 2. Ensino de geografia. 3. Região Nordeste. I.

Título

21. ed. CDD 372.89

JOSÉ ITALO YORRAN DO NASCIMENTO

**O USO DA MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ESTUDO
DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado/licenciado em Geografia.

Aprovada em: 08/03/2024.

BANCA EXAMINADORA

Nathália Rocha Morais

Prof.^a Ms. Nathália Rocha Morais (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria Marta dos Santos Buriti

Prof.^a. Dr.^a Maria Marta dos Santos Buriti
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria Juliana Leopoldino Vilar

Prof.^a. Ms. Maria Juliana Leopoldino Vilar
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha amada avó, pelo amor, carinho,
cuidado e companheirismo, dedico.

“No meu sertão xique-xique
É a bandeira do nordeste
Tem forró, vaquejada, xote
Baião de leste a oeste

Tem a bondade nos olhos
De um homem trabalhador
Que usa chapéu de palha
Com humildade sim senhor”
(Cássia, 1994).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	METODOLOGIA	9
2.1	Caracterização da pesquisa e do espaço de pesquisa	9
2.2	Percurso metodológico	10
3	CONCEITO DE REGIÃO NA ACADEMIA E NO ENSINO BÁSICO	12
4	O NORDESTE BRASILEIRO	14
4.1	Semiárido	16
5	UTILIZAÇÃO DA MÚSICA EM SALA DE AULA	18
6	RESULTADOS	21
7	CONSIDERAÇÕES	30
	REFERÊNCIAS	31

O USO DA MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: UMA EXPERIENCIA A PARTIR DO ESTUDO DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

THE USE OF MUSIC AS A TEACHING RESOURCE IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS IN GEOGRAPHY: AN EXPERIENCE FROM THE STUDY OF THE NORTHEAST REGION OF BRAZIL IN THE 7TH YEAR OF ELEMENTARY EDUCATION

José Italo Yorran do Nascimento¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é avaliar o potencial da aplicação de músicas para o ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos sobre a região Nordeste, em uma turma do 7º ano, da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Machado de Assis, localizada no município de Lagoa Seca, Paraíba. A pesquisa possui natureza qualitativa, apoiando-se em uma pesquisa bibliográfica e exploratória, na observação e na pesquisa-ação pelo pesquisador/professor da turma envolvida nos meses de setembro e outubro de 2023, além da elaboração e implementação de práticas didático-pedagógicas, protagonizadas pelo uso do recurso midiático música, mediante o intuito de romper com os encaminhamentos do ensino tradicional, estimulando os estudantes ao aprendizado do ensino da Geografia. A partir dos resultados encontrados, foi possível verificar nas músicas regionais, a capacidade de serem fomentadoras no ensino da Região Nordeste uma vez que, por meio delas, os alunos conseguiram alcançar os objetivos das aulas, além de fomentar a dinâmica da turma no decurso das aulas, proporcionando um ambiente agradável e instigante, facilitando os debates e a realização dos exercícios propostos.

Palavras-Chave: Música; Ensino de Geografia; Região Nordeste.

ABSTRACT

The objective of this work is to evaluate the potential of applying music for the teaching-learning of geographic content about the Northeast region, in a 7th year class, at the Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Machado de Assis, located in the municipality of Lagoa Drought, Paraíba. The research is qualitative in nature, based on bibliographical and exploratory research, observation and action research by the researcher/teacher of the class involved in the months of September and October 2023, in addition to the elaboration and implementation of didactic-pedagogical practices, led by the use of the media resource music, with the aim of breaking with traditional teaching guidelines, encouraging students to learn Geography teaching. Based on the results found, it was possible to verify that regional music had the capacity to promote teaching in the Northeast Region since, through it, students were able to achieve the objectives of the classes, in addition to promoting the dynamics of the class during the classes. classes, providing a pleasant and thought-provoking environment, facilitating debates and carrying out the proposed exercises.

¹ Graduando no curso de Licenciatura Plena em Geografia; Universidade Estadual da Paraíba; Campina Grande, PB; e-mail: italoyorran3131@gmail.com

Keywords: Music; Teaching of Geographic; Northeast Region.

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da nossa história a música esteve e está presente em nossas vidas. Seja para expressar nossas emoções ou ser usadas nos momentos de lazer, até para a comunicação entre os povos e a perpetuação de culturas.

As letras das canções podem estar associadas a uma série de temas e conteúdos da ciência geográfica, dentre eles no conceito de Região. Para Costa (2012), o emprego de músicas no ensino da Geografia favorece a relação e o saber elaborado pela conexão racional e emocional dos alunos sobre conteúdos que apontem a interação entre sociedade e natureza.

Diante de uma sociedade altamente tecnológica é inevitável conviver com inovações e transformações frequentes, que oferecem comodidade e conforto em vários âmbitos da vida cotidiana, inclusive na escola. Atendendo a este contexto, bem como considerando o olhar lançado por muitos alunos no que diz respeito à Geografia, enxerga-se a necessidade de implantar metodologias de ensino que aproximem o conteúdo da realidade social dos alunos reduzindo a abstração atribuída pelos estudantes aos conhecimentos geográficos e fazendo uso da difusão tecnológica a favor do ensino da disciplina no chão da escola (Vesentini, 2001).

Durante anos, a Geografia escolar fora vista como decorar nome dos continentes, países e suas capitais, na Geografia brasileira era exigido que o aluno memorizasse os nomes das macrorregiões, os estados federativos e suas respectivas capitais. Na atualidade, ainda podemos encontrar pessoas com este pensamento retrógrado, entretanto, com os avanços dos estudos na área nas últimas décadas, foi-se evidenciando, com mais ênfase, a relevância social do ensino da Geografia, seu papel de desenvolver o senso crítico dos estudantes e de fazê-los compreenderem sua existência e de como são agentes sociais, capazes de mudar a realidade na qual vivem.

As áreas de estudo da ciência geográfica podem ser divididas na categoria Espaço Geográfico e nos conceitos de Lugar, Paisagem, Região e Território, que servem como bases na busca de conhecimento a respeito das relações entre os seres humanos e o meio. É importante destacarmos que estes não devem ser vistos de modo distante um do outro, pois se complementam. Nesta pesquisa, abordamos o conceito Região, ainda assim, os demais estão presentes em cada momento no qual a região é discutida em diferentes perspectivas.

Entendemos o método tradicional de ensino como um procedimento defasado, distante da realidade dos alunos, e que não acompanha as transformações socioespaciais postas na sociedade. Fato este, faz emergir a necessidade da busca por metodologias que ativem o protagonismo dos discentes e que usemos as tecnologias e caminhos metodológicos que estão ao nosso alcance para promover aos alunos o direito deles próprios serem os autores de suas histórias, tirando o professor como figura central das aulas e colocando-os como mediadores do processo de ensino-aprendizagem, como posto por Freire (1996), transformando o professor no mediador entre os estudantes e conteúdo. Como problemática da pesquisa, buscaremos responder a seguinte questão: de quais maneiras a utilização da música, como instrumento metodológico, contribui para a compreensão da Região Nordeste do Brasil?

Ao considerarmos a música, o conjunto da melodia e letra, como sendo uma manifestação e propagadora de diferentes saberes e culturas, podemos enxergar nelas o grande potencial didático presente em seus versos. Com isto, iremos trabalhar a região Nordeste do Brasil, a partir de canções que carregam em suas letras assuntos fundamentais na compreensão do Nordeste como uma região plural e singular, buscando sempre examinar sua eficácia para a compreensão dos aspectos políticos, sociais e culturais do Nordeste brasileiro.

A partir da problemática apresentada, este trabalho tem como objetivo analisar o potencial da utilização de músicas para o ensino-aprendizagem, dos conteúdos geográficos em uma turma do 7º ano, da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Machado de Assis, localizada no município Lagoa Seca, Paraíba. Cabe destacar que, os resultados obtidos e aqui apresentados, resultam da prática deste pesquisador em sala de aula. Nesse contexto, destaca-se a importância de os professores incorporarem os princípios da reflexão sobre sua prática e da pesquisa como elementos essenciais para a ação docente.

Muito tem sido pesquisado e construído acerca do ser um professor-pesquisador. Entre as reflexões postas sobre a temática podemos mencionar Freire (1996), que coloca a “indagação, a busca e a pesquisa” como sendo o cerne da prática docente, em consonância a Freire, Zeichner (1993) traz o professor reflexivo como um teórico contínuo, estando sempre revisando e aprimorando seu ensino por meio de reflexões acerca de sua própria prática.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, onde aproximamos o sujeito do objeto a ser estudado. Para o desenvolvimento desse trabalho conta-se com a pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir de autores que estão relacionados às temáticas “música na educação” e o “ensino de geografia utilizando-se da música”. Entre eles podem ser mencionados Souza (2000) e Dohme (2009), buscando relacionar ao conceito de região através de autores que tratam deste tema como Andrade (2011), Côrrea (2003) e Lencioni (2005), alinhando o pensamento com a Base Comum Curricular - BNCC (2018), documento que norteia os professores em sala de aula na atualidade. Os desdobramentos da pesquisa também foram compostos pela utilização prática da música como uma ferramenta no ensino-aprendizagem, a análise qualitativa dos dados coletados por meio da observação estruturada e participante.

O estudo justifica-se tendo em vista que a música é um elemento que está presente na vida de todos os seres humanos, mesmo que de forma indireta. Inserir-la durante as aulas torna o momento mais leve e atrativo. No caso da disciplina de Geografia, que é responsável por desenvolver o senso crítico dos alunos, relacionar a dinâmica do espaço e entender como e por quais motivos ela ocorre, ratifica o fato de que, a utilização desse recurso didático é de grande valia para os professores que, muitas vezes, sofrem para obter resultados positivos, principalmente no contexto pós-pandemia, onde é notória a dificuldade de concentração dos alunos.

Ademais, sabendo que há uma necessidade de implantar metodologias que cativem e chamem a atenção dos discentes, o trabalho em questão encontra-se apoiado na utilização de músicas regionais de artistas como Luiz Gonzaga, Flávio José e Flávio Leandro, que retratam o período de estiagem no Nordeste, o êxodo dos nordestinos para o Sul e Sudeste, características físicas e naturais da região, além de contribuir no entendimento do “polígono da seca” e sobre os avanços no Nordeste devido a globalização.

A música é um recurso valioso e que pode ser implantado em diversos momentos na educação e aplicado em vários conteúdos da ciência geográfica e pode

ser utilizada com qualquer faixa etária, capaz de tornar o processo de aprendizagem mais deleitoso para os discentes. Destacamos que seu uso foi um complemento enriquecedor no desenvolvimento cognitivo e social dos alunos.

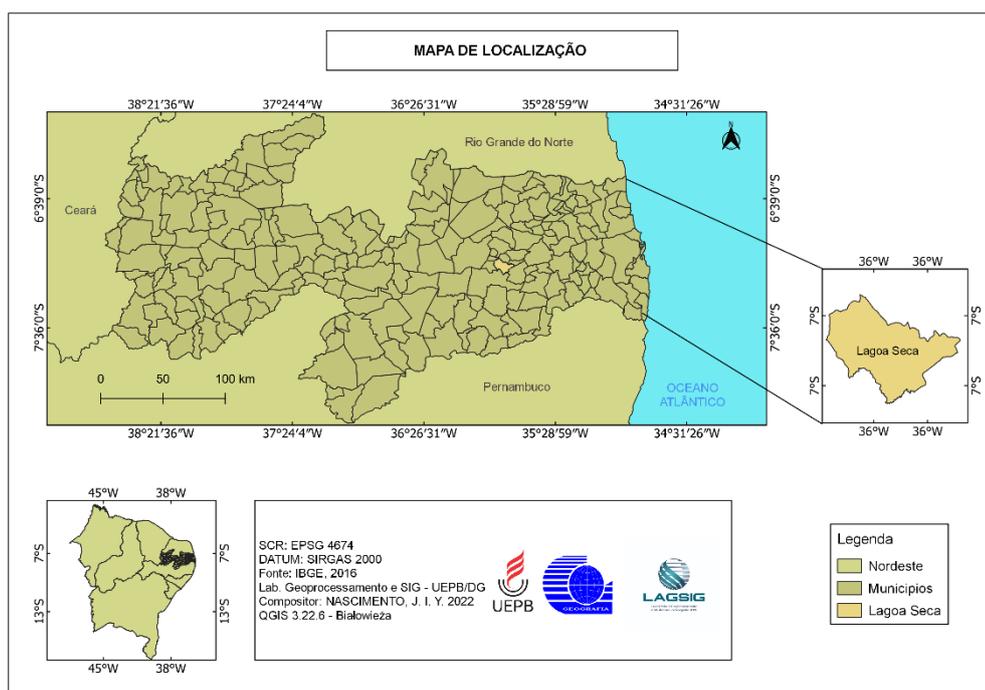
2. METODOLOGIA

2.1. Caracterização da pesquisa e do espaço de pesquisa

A pesquisa fez uso da abordagem qualitativa, onde há uma aproximação entre sujeito e o objeto a ser estudado (Minayo e Sanches, 1993), buscando analisar as experiências vividas durante a coleta de dados para esta pesquisa, pois, segundo Andrade e Schimidt (2015, p.12): “na pesquisa qualitativa existe uma relação entre o mundo real e os sujeitos de uma realidade, isto é, há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, não traduzido em números”.

A unidade de ensino onde foi realizada a pesquisa é a Escola Municipal Machado de Assis, localizada no distrito de São Pedro (conhecido por Campinote), município de Lagoa Seca, Paraíba (Figura 01).

Figura 01: Mapa do município



Fonte: Elaborado pelo autor ,2022.

Na última pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia – IBGE (2022), a população de Lagoa Seca era estimada em 27.730 habitantes, distribuídas em um território de 108.219 quilômetros quadrados, com densidade demográfica de 256.24 hab./km². Possui as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 7° 10' 8" Sul, Longitude: 35° 51' 20" Oeste. O município está localizado na região Imediata e Intermediária de Campina Grande e está a uma distância de 133,6 quilômetros da capital paraibana, João Pessoa. Está inserido no bioma da Caatinga. Seus limites são com os municípios de Campina Grande, São Sebastião de Lagoa de Roça, Massaranduba, Matinhas, Montadas, Puxinanã e Esperança.

A economia local é baseada na agricultura familiar, predomina o cultivo de produtos hortifrutigranjeiros com destaque para hortaliças, o artesanato local também contribui de forma significativa para a economia, Lagoa Seca é reconhecida como a cidade do artesanato, sendo sede do festival Estadual do Artista Popular da Paraíba. Como característica das cidades interioranas, grande parte da população do município é residente da zona rural.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, a escola foi construída ainda na década de 1950, quando o município ainda era uma vila, pertencente a Campina Grande. A escola oferta aos moradores locais turmas da Educação Infantil até o Ensino Fundamental II, em seus 70 anos de história, a escola Machado de Assis continua sendo referência por seu ensino e infraestrutura. Por estar localizada em uma zona rural, a instituição escolar é uma unidade de pequeno porte, no período desta pesquisa, contava com menos de 250 alunos, que estavam distribuídos do maternal ao 9º ano do Fundamental II, funcionando nos turnos diurno e vespertino (Figura 02).

Figura 02: Escola Machado de Assis



Fonte: Acervo do autor, 2022.

2.2 Percurso metodológico

Para conduzir a pesquisa, conjuntamente com a abordagem qualitativa, fizemos uso da técnica de observação que, em concordância com Lakatos e Marconi, ela é

uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar (Lakatos; Marconi, 2003, p. 190).

Utilizamos a observação estruturada ou sistemática. Nesta técnica o pesquisador realiza sua investigação de modo controlado, buscando respostas aos “propósitos preestabelecidos”, apesar disto as regras não devem ser preestabelecidas de modo inflexíveis, “pois tanto as situações quanto os objetos e objetivos da investigação podem ser muito diferentes” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 193),

necessitando de um planejamento sistemático que se encaixe na realidade do objetivo da pesquisa.

Por o pesquisador ser também o regente da turma onde foram analisadas as músicas e construídas as reflexões e ações durante as aulas, se configurando como um participante do processo, utilizamos a pesquisa-ação como forma de investigação, pois ela, segundo Koerich (2017), se configura como um

processo empírico que compreende a identificação do problema dentro de um contexto social e/ou institucional, o levantamento de dados relativos ao problema e, a análise e significação dos dados levantados pelos participantes. Além da identificação da necessidade de mudança e o levantamento de possíveis soluções, a pesquisa-ação intervém na prática no sentido de provocar a transformação. Coloca-se então, como uma importante ferramenta metodológica capaz de aliar teoria e prática por meio de uma ação que visa à transformação de uma determinada realidade. (Koerich *et al*, 2017, p. 718-719).

A coleta de dados ocorreu logo após as exposições das músicas apresentadas abaixo, por meio de exercícios propostos aos alunos (Quadro 01).

QUADRO 01- Músicas utilizadas durante as aulas de Geografia.

MÚSICA CANTOR/BANDA	TEMÁTICAS ABORDADAS	TEMA DAS AULAS
Índios - Legião Urbana	Fala sobre a chegada dos colonizadores as terras brasileiras, sabemos que o Nordeste foi a primeira região a ser explorada.	Processo de colonização do Nordeste
Algodão - Luiz Gonzaga	Retrata a economia do Nordeste durante o século XIX e XX. O cultivo de algodão favoreceu o desenvolvimento de algumas cidades do Nordeste brasileiro, como Campina Grande.	Economia do Nordeste
Lamento de um Nordestino- Francis Lopes	Percebe-se nela a saga do nordestino que migra para o Centro-Sul do país em busca de melhores condições de vida.	Processos migratórios
Sertão sofredor - Luiz Gonzaga	Descreve o Nordeste levando em consideração as características climáticas, também faz crítica para a omissão de incentivos econômicos por parte do governo federal.	Climas do Nordeste
Chuva de Honestidade - Flávio Leandro	Expõe a indústria da seca que continua reverberando na atualidade, além de comparar a região Nordeste com outras de climas semelhantes.	Geopolítica
Deixe o Rio Desaguar - Flávio José	Traz em sua letra o pedido de milhões de nordestinos para que a transposição do rio São Francisco ocorresse o mais rápido possível.	Hidrografia

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Durante os momentos de exposição dos conteúdos, fora utilizado o livro didático oferecido pela instituição: “Geografia Geral e do Brasil”, dos autores: Sene e Moreira, 2018. A utilização do material didático possibilitou aos alunos uma maior compreensão das temáticas abordadas e foi fonte de pesquisa para a realizações de exercícios, visto que a realidade social dos estudantes e, até mesmo da escola, não permite o acesso à internet para todos.

A partir da exposição de cada música fora realizado um momento de discussão com os alunos, mediado pelo professor, acerca das temáticas propostas na disciplina a partir das letras das músicas. Consistiu em fomentar o debate e a construção de um

conhecimento significativo entre os estudantes, baseado nas experiências relatadas em cada canção, com objetivo de analisar o que se almeja na presente pesquisa.

Adicionalmente à utilização das canções, os alunos realizaram exercícios diversos, por exemplo: desenhos e pinturas e apresentações de seminário (entre eles e também para as outras turmas); como forma de avaliação e que também se constituirão como fonte para nossa análise.

3. CONCEITO DE REGIÃO NA ACADEMIA E NO ENSINO BÁSICO

O termo região é utilizado desde a antiguidade e estava relacionado ao poder e domínio do Império Romano. Segundo Gomes (1995), a região é consequência e resultado de questões políticas, da cultura e da economia espacial. Para o autor a percepção de região está relacionada com três fatores dominantes: o senso comum, onde região significa localização e extensão; limite administrativo, assim como no período de soberania dos romanos e posteriormente com a influência da igreja Católica; e das “ciências em geral”.

Esse conceito possui bastante relevância dentro na Ciência Geográfica, tendo em vista que, é a partir dele que podemos entender o espaço geográfico de maneira fragmentada, de modo a observar as particularidades de determinadas áreas, seja por seus aspectos físicos e naturais ou regiões homogêneas e funcionais (Lencioni, 2005).

Em síntese, para entendermos o conceito, devemos ter em mente que a compreensão de região possui diferentes interpretações dentro das correntes geográficas. No Determinismo Ambiental (final do século XIX), temos os aspectos naturais (clima, relevo e vegetação) em evidência, sob essa perspectiva, o homem era modelado e modela o espaço (Corrêa, 1986).

Em contrapartida, o Possibilismo (século XX), criado por Vidal de la Blache (1845-1918), na Alemanha, não observava apenas os elementos naturais como divisão regional, mas

Considera a evolução das relações entre o homem e a natureza, que, ao longo da história passam de uma adaptação humana a uma ação modeladora, pela qual o homem com sua cultura cria uma paisagem e um gênero de vida, ambos próprios e peculiares a cada porção da superfície da terra (Corrêa, 1986, p. 27 e 28).

Prevalecendo, assim, o uso do termo “região geográfica”, onde os elementos naturais e sociais se encaixam, no entanto,

Constatou-se que os elementos humanos passavam a adquirir maior importância que os naturais no processo de gerar as regiões geográficas. Atingiu-se o paradigma possibilista, fundada nas relações entre o homem e a natureza e expresso na região geográfica. (Corrêa, 1986, p.31 e 32).

Para a Nova Geografia (pós 2º Guerra Mundial), a região será “definida como um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares” (Corrêa, 1986, p. 32). A fim de delimitar e classificar uma região, seriam utilizados dados estatísticos descritivos, deste modo, “a divisão regional assim concebida pressupõe uma objetividade máxima, implicando a ausência de subjetividade”. Nesta corrente, as características podem ser diversas, como a densidade da população, tipos de clima, renda da população, “são os propósitos de cada pesquisador que norteiam os critérios a serem selecionados para uma divisão regional” (Corrêa, 1986, p. 33).

Pautada no marxismo, a Geografia Crítica ou radical (entre as décadas de 1970 e 1980) diverge da noção que tinham os geógrafos da Nova Geografia, para os radicais:

Ao assumir a dinâmica de mercado como pressuposto da organização espacial, estes modelos “naturalizam” o capitalismo, como a única forma possível de conceber o desenvolvimento social, ao mesmo tempo, em que trabalham para a manutenção do status quo de uma sociedade desequilibrada e desigual (Gomes, 1995, p.65).

Isso deve ao fato que os pensadores da Nova Geografia hierarquizavam os espaços. Nesse sentido, os radicais buscavam um maior envolvimento político da Geografia e buscava encolher a discrepância socioeconômica.

Com o avanço de um mundo cada vez mais integrado, surgiu a indagação de que as particularidades das regiões chegassem ao fim, pois, diante de uma mundialização, as especificidades de uma região seriam irrelevantes, entretanto, de acordo com Santos (1997), a região se configura com mais importância nos dias atuais, pois,

em primeiro lugar, o tempo acelerado, acentuando a diferenciação dos eventos, aumentando a diferenciação dos lugares; em segundo lugar, já que o espaço se torna mundial, o ecúmeno se redefine, com a extensão de todo ele do fenômeno de região. As regiões são o suporte e a condição de relações globais que de outra forma não se realizam. Agora, exatamente, é que não se pode deixar de considerar a região, ainda que reconheçamos como um espaço de conveniência mesmo que a chamemos por outro nome (Santos, 1997, p. 196).

Para ele, é partindo do pressuposto da chamada mundialização que podemos enxergar as diferenças de determinadas regiões, com suas realidades distintas, bem como identificar sua relevância e influência exercida em esfera nacional e, em alguns casos, internacional.

No Ensino Básico, de acordo com a BNCC (2018), os conteúdos destinados as turmas do 7º ano dos Anos Finais do Fundamental, estão diretamente relacionados com a formação territorial Brasileira, para tanto, “o conceito de região faz parte das situações geográficas que necessitam ser desenvolvidas para a formação territorial Brasileira” (Brasil, 2018, p.382), analisando seus aspectos sociais, econômicos, físicos e naturais.

Ao iniciar a abordagem sobre as regiões do Brasil, o livro didático “Geografia Geral e do Brasil”, traz a etimologia da palavra região e contextualiza seu uso no Império Romano, bem como o que essa palavra representa, nos dias de hoje, para a Geografia, representando “uma área da superfície terrestre com características próprias, particulares, que as diferenciam das demais.” (Sene; Moreira, 2018, p. 36). Também destaca os critérios que são utilizados para a delimitação de uma região, como os aspectos naturais, econômicos e suas características socioculturais. Porém é notório a escassez de discussões acerca deste conceito nos livros didáticos. Sendo este o principal recurso pedagógico para a maioria dos alunos da rede pública de ensino, para tanto, é necessário ir além da etimologia e do uso histórico da palavra, e partir para uma explanação da região onde fique claro ao aluno seu significado e atribuições.

4. O NORDESTE BRASILEIRO

A região que hoje compreendemos como Nordeste foi a primeira a ser explorada pelos europeus. Foi nela que os portugueses desembarcaram há mais de cinco séculos e onde deram início ao processo de ocupação e exploração das terras brasileiras. Ao desbravarem as terras do litoral nordestino, observaram que elas eram favoráveis ao cultivo da cana-de-açúcar, planta de onde extrai o açúcar e que era benquisto pela população europeia. A partir de então, esse produto agrícola passa a ser o mais importante para esta região e que contribuiu para o desenvolvimento das cidades litorâneas nordestinas (Miranda, 2020).

Ao citarmos o processo de povoamento do interior nordestino, podemos afirmar que ele se deu por meio da pecuária, pois o gado que veio especialmente para o Nordeste, não poderia ficar próximo ao plantio da cana-de-açúcar, visto que este acabaria comendo a plantação, então, foi-se adentrando a espaços outrora dados sem importância aos olhos dos colonizadores, mas que favoreceu a criação dos gados no Sertão e Agreste nordestino (Andrade, 1963).

Para Andrade (1963), o Nordeste é uma das regiões do país menos conhecida, não obstante é a que mais está no alvo de discursões, sejam elas relacionadas ao preconceito, a escassez de água ou relacionadas as belezas do seu litoral. Porém, no imaginário de algumas pessoas, essa região ainda é composta de miséria, fome e seca. Segundo o geógrafo, o Nordeste é composto de contrastes, pois,

é apontado ora como a área das secas, que desde a época colonial faz convergir para a região, no momento da crise, as atenções e as verbas dos governos; ora como área dos grandes canaviais que enriquecem meia dúzia em detrimento da maioria da população; ora como área essencialmente subdesenvolvida devido à baixa renda per capita dos seus habitantes, ou então como a região das revoluções libertárias de que fala o poeta Manuel Bandeira em seu poema *Evocação do Recife*. (Andrade, 1963, p.35).

Não somente devido a estes contrastes por Andrade citados, mas também por suas características físicas, biológicas e a organização socioespacial. Podemos ainda dividir o Nordeste em 4 sub-regiões: Zona da Mata, Agreste, Sertão e Meio Norte, cada uma das sub-regiões possuem características próprias e são organizadas de modo distinto das outras.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, em sua última divisão regional do Brasil, em 1968, classifica os estados Brasileiros Maranhão, Piauí, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Ceará, Bahia e Pernambuco, pertencentes a macrorregião Nordeste. No último censo (2022) havia 54,6 milhões de habitantes na região, que coloca o Nordeste como a segunda região mais populosa do Brasil.

Tomando por referência a obra “A Terra e o Homem no Nordeste” (1963), de Manuel Correia de Andrade, podemos definir essas sub-regiões do seguinte modo: a Zona da Mata compreende parte do litoral nordestino, se estende do Rio Grande do Norte até o estado da Bahia, caracterizada outrora pela presença da Mata Atlântica, hoje restam apenas fragmentos dessa vegetação, que foi degradada para o plantio da cana-de-açúcar e para fornecer espaços para habitações e instalações de engenhos. É a sub-região mais importante, devido ao passado canavieiro da região, atualmente é nela que se concentra a maior parte da população e das atividades industriais, importante destacar que ainda podemos encontrar na Zona da Mata a prática agrícola de plantation (atividade agrícola baseada na grande propriedade e monocultura).

O Agreste é uma região de transição entre a Zona da Mata e o Sertão, apresentando características ora do bioma Caatinga, ora da Mata. Isso ocorre devido à presença de áreas mais secas onde encontramos a vegetação típica da caatinga, e áreas úmidas onde identificamos a presença da Mata Atlântica. É no Agreste que encontramos os brejos, áreas de elevadas altitudes, onde podemos identificar a presença de matas de altitudes, um exemplo de brejo que podemos citar as cidades de Areia e Bananeira, na Paraíba. Os brejos possuem características climáticas favoráveis a agricultura e, atualmente, a atividade turística vem ganhando destaque, por conta de temperaturas amenas no período de inverno, contribuindo para o turismo rural e cultural nas regiões brejeiras (Andrade, 1963).

Para Andrade, o Agreste reúne as características de toda a Região Nordeste em uma pequena proporção, segundo o autor, “o que caracteriza o Agreste é a diversidade de paisagens que ele oferece em curtas distâncias, funcionando quase como uma miniatura do Nordeste, com suas áreas muito secas e muito úmidas” (1963, p. 44). Mesmo Andrade considerando o Agreste como uma sub-região que abarca características de todas as outras, o literato também comenta as suas particularidades e fala sobre a policultura. Segundo ele, o que distingue o Agreste das demais sub-regiões nordestinas é que,

Embora sendo uma região outrora colonizada por criadores de gado, é o Agreste, hoje, mais agrícola que pecuarista. Ao contrário da região da Mata, é policultor e produz geralmente visando ao abastecimento do mercado interno, enquanto aquela é monocultora e preocupa-se, sobretudo, com produtos de exportação — o açúcar, o cacau e o fumo. Distingue-se também do Sertão, pela grande densidade demográfica, pela grande importância da agricultura e porque a pecuária aí, apesar de não ser a atividade econômica dominante, é feita em padrões superiores aos do Sertão, onde ainda domina a criação do gado em campo aberto, sem seleção racial e sem arraçoamento. Também a maior proximidade das grandes cidades nordestinas, valorizando as terras e facilitando o escoamento da produção, torna possível a criação do gado leiteiro e a engorda do gado de carne com arraçoamento à base da palma (Andrade, 1963, p. 48).

O Sertão nordestino é o que leva destaque quando observamos o imaginário das pessoas de outras regiões brasileiras, sendo frequentemente caracterizado sob o contexto de miséria causada pela seca.

Ele compreende a maior parte do território nordestino, vai do sul da Bahia até o litoral cearense e riograndense. Com a predominância do clima semiárido, essa sub-região é caracterizada pela ausência de precipitação durante longos períodos de tempo, as áreas que estão próximas do rio São Francisco conseguiram se desenvolver através da agricultura irrigada, sobretudo a fruticultura, seus produtos são exportados para a Europa e Estados Unidos.

Uma característica comum do povo sertanejo é a fé, a religiosidade que é passada de uma geração para outra, as práticas religiosas e superstições se fazem presentes até os dias atuais, como afirma Andrade:

Assim, preocupando-se com uma possível seca, o sertanejo está sempre as voltas com "experiências" e prognósticos sobre as possibilidades de chuvas nos anos que virão. Para estas "experiências" o dia de Santa Luzia (13 de dezembro) é o mais importante, uma vez que o tomam como ponto de referência para o mês de janeiro do ano seguinte, e os dias que se seguem correspondem aos outros meses; (assim o dia 14 é fevereiro, 15 é março, 16 é abril e assim por diante até o dia 24, que corresponde ao mês de dezembro). No dia em que chover, o mês correspondente será de chuva, e naquele em que não chover, o mês correspondente será seco. Outra experiência consiste

em colocar seis pedras de sal, representando os seis primeiros meses do ano, sobre um plano, no "sereno", na noite de Santa Luzia. Pela manhã, a pedra que mais estiver dissolvida representa o mês mais chuvoso do ano que se segue. Se estas experiências derem resultados negativos, o sertanejo, apreensivo, começa a pensar nos horrores da seca e na possível necessidade de retirada (1963, p.58).

O Meio-Norte compreende os estados do Piauí e Maranhão, é a sub-região mais distinta dentre as outras. É a área onde ocorre a transição da região Nordeste e Norte, apresenta como vegetação predominante a mata de cocais e os cerrados, sua economia é baseada na agricultura, que se caracteriza pelo plantio de algodão, cana-de-açúcar e arroz (Andrade, 1963).

4.1. Semiárido

O semiárido é uma área que ocupa boa parte do território do Nordeste e parte do norte de Minas Gerais, o clima é o semiárido, sua vegetação predominante é a caatinga, há também áreas que podemos encontrar o cerrado. Nesta porção do território Brasileiros observamos a baixa pluviosidade e uma amplitude térmica reduzida (Guitarrara, 2023).

Malvezzi (2007) em sua obra sobre o Semiárido Brasileiro, traz uma perspectiva importante sobre o sertão do Brasil. Segundo o autor, não podemos apenas classificá-lo e/ou distingui-lo por seus aspectos físicos-naturais, mas sim, entendê-lo, como um resultado sociocultural e natural, onde a população adapta-se as condições naturais e lá consegue desenvolver sua cultura e, de certo modo, sobreviver com a seca. Para ele,

O segredo da convivência está em compreender como o clima funciona e adequar-se a ele. Não se trata mais de "acabar com a seca", mas de adaptar-se de forma inteligente. É preciso interferir no ambiente, é claro, mas respeitando as leis de um ecossistema que, embora frágil, tem riquezas surpreendentes (Malvezzi, 2007, p. 12).

A convivência com o clima semidesértico não é novidade aos moradores locais, séculos se passaram e os residentes da área entenderam seu funcionamento, seja de forma mítica/religiosa ou com conhecimentos que passam dos mais velhos aos jovens, e vem conseguindo sobreviver aos momentos de calamidade, causados pela escassez de água.

Neste ponto, é importante que destaquemos a falta de políticas públicas que façam diferença, de forma eficaz, no semiárido Brasileiro. Ao falar de políticas públicas no sertão, é impossível não falar na chamada "indústria da seca", que nada mais é do que o consentimento da perpetuação da seca pelos políticos, para servir como estratégia para as eleições. Não basta, apenas, criar grandes obras ou distribuir águas nos momentos em que o período de estiagem castiga a população, é necessário a implantação e o desenvolvimento de empregos que seja condizente com a realidade da região (Matos, 2012).

"[...] a falta prolongada de chuvas em um determinado período só assume a dimensão de calamidade pública devido à situação de pobreza em que vivem milhões de pessoas naquela parte do Nordeste Brasileiro. A escassez de chuvas no período do inverno ou a má distribuição espacial e/ou temporal das precipitações constituem, tão-somente, elementos desencadeadores de um processo que transforma em indigentes as camadas mais pobres da população da zona semiárida. Esse quadro não tem sofrido modificações com o passar do tempo. A irregularidade climática ocorre ciclicamente, de forma

inexorável, mas as medidas oficiais para enfrentá-la não têm, historicamente, apresentado a consistência e a continuidade que o problema requer. É bem verdade que o enfrentamento dos efeitos calamitosos da seca representa um desafio de enormes proporções e a sua mitigação exige um esforço extraordinário por parte da sociedade Brasileira." (Duarte, 2001, p. 437).

Mesmo que o Nordeste tenha obtido destaque econômico por décadas com a produção de açúcar e com o algodão, a partir da de meados dos anos 1950, o termo *subdesenvolvimento* volta a ser impregnado ao citar a região, pois ela se torna o lugar de onde saíam a mão de obra que construiu e modernizou o Sul e Sudeste do país. A ineficiência por parte do Estado, em desenvolver políticas públicas assertivas, favorece a perpetuação da pobreza e miséria no semiárido do Brasil. Contribuindo assim, para a saída dos nordestinos para os grandes centros urbanos do Brasil, mesmo que essa prática, a do êxodo rural, venha diminuído nas últimas décadas.

Para tanto foi-se criada a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste-SUDENE, que sucedeu o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste-GTDN, que buscava “solucionar os desníveis de desenvolvimento entre o Nordeste e as regiões Sudeste e Sul do país, onde o processo de modernização estava mais avançado.” (Colombo; Gileno, 2019, p.206). O desígnio da SUDENE é a promoção do “desenvolvimento incluyente e sustentável (...) e a integração competitiva da base produtiva regional”, no Brasil e fora dele. Tanto a GTDN quanto a SUDENE possuíam como objetivo principal a industrialização do Nordeste.

Entretanto, por mais que a Superintendência venha contribuindo com o avanço em algumas áreas da região, é notório que o Nordeste carece de atenção por parte do governo federal. Para Furtado (2013), o anseio da população brasileira é o desenvolvimento e, este anseio

se manifesta na forma de descontentamento generalizado em relação às precárias condições de vida que enfrenta a população do presente e, simultaneamente, através de uma atitude otimista com respeito à possibilidade de que o país possa superar essas condições e alcançar formas superiores de organização social. Todavia, essa aspiração existe tão somente como força potencial, pois a sociedade brasileira não conseguiu, até o presente, criar um sistema de instituições com base nas quais o poder político possa ser exercido para traduzir em projetos operacionais as aspirações básicas da coletividade (FURTADO, 2013, p. 205).

Com isso podemos enxergar que, não somente a seca seja a principal responsável pelo atraso, o desemprego, o êxodo, a fome, etc., que assolam a região Nordeste do Brasil de tempos em tempos, mas sim, a omissão do governo federal. Mesmo diante dos fatos expostos, é importante destacar que essa

imagem não leva em conta toda a diversidade sociobiogeográfica expressa nos diferentes modos de ser e de viver no Semiárido, entendido enquanto território pleno de saberes e sentidos, com características ambientais, sociais e culturais que denotam a riqueza do lugar e a necessidade de produzir outras narrativas acerca de suas características e sua pluralidade de relações social e territorialmente estabelecidas (Cavalcante, 2023, p. 281 e 282).

Dito isto, a escola, como um espaço de transformação social, tem a responsabilidade de buscar desmitificar a ideia de que o semiárido é apenas a seca e suas consequências, é necessário fazer com que os alunos enxerguem a diversidade social e ecológica que há na região semiárida, fazê-los perceber que a população vem desenvolvendo métodos de convivência com a área de clima semidesértico há anos

e também desenvolver neles a responsabilidade de cobrar por melhorias nas políticas públicas, a fim de torná-las, de fato eficientes, e fazer surgir outras novas capazes de desenvolver, de fato, a região e sanar com a disparidade entre a região com as regiões Sudeste e Sul.

5. UTILIZAÇÃO DA MÚSICA EM SALA DE AULA

Com o advento de novas tecnologias que trazem aos adolescentes e jovens oportunidades de se divertirem e obterem mais recursos para seu lazer, as aulas monótonas se tornam uma espécie de aflição para eles, por isso, pode ser utilizadas músicas, como uma alternativa didático-pedagógica, que abordem o tema da aula como uma alternativa metodológica, que irá contribuir para o sucesso da elucidação do assunto e melhor compreensão do conteúdo proposto, de forma mais lúdica e cativante, onde podemos trazer o mundo dos alunos para sala de aula. Diante do crescente e indispensável uso de recursos audiovisuais pelos jovens, e pela sociedade no geral, Pacheco (1991) ratifica a necessidade de implantar esses elementos na esfera escolar, quando fala:

imersos em um universo audiovisual cada vez mais complexo, crianças e jovens devem assimilar e reacomodar seus códigos comunicacionais para captar o ritmo vertiginoso e as suas mudanças que a realidade lhes impõe. Expostos diariamente às linguagens audiovisuais, como novas formas de expressão e comunicação, as crianças e os jovens continuam recebendo, em contrapartida, uma educação verbalista e reprodutora que desconhece, ou não se aproveita das novas linguagens de uma escola paralela' representada pela tão amada tevê (Pacheco, 1991, p. 09).

Considerando a persistência de práticas tradicionais no ensino de Geografia podemos identificar a urgência de implementar metodologias que proporcionem a dinamização das aulas, deixando-as mais cativantes. Enxergamos na música essa "outra linguagem" que possibilita uma nova forma de "leitura da realidade" e que seja distinta da qual os alunos estão habituados a ver e conceber em sala de aula (Cavalcanti, 2008, p. 33).

Semim (2009) em sua pesquisa destaca que o professor/tutor tem a responsabilidade de favorecer o ensino-aprendizagem dos discentes, de modo que os mesmos procurem chegar ao destino por si só, sendo de incumbência do professor ser o agente que proporcione o direcionamento e orientação aos alunos.

Implantar o lúdico na sala de aula é considerado como uma metodologia ativa. O lúdico tem sua origem na palavra em Latim *Ludos* que significa jogo, divertimento, brincadeira, música, etc. A inserção do lúdico no ensino produz no sujeito o desenvolvimento dos sentidos através do lazer, da cultura e da arte, além de desenvolver o senso crítico dos alunos por meio de suas observações do que está sendo exposto. Verificamos no emprego de músicas em sala de aula, uma forma de inserir o lúdico, uma vez que,

Com a música é possível despertar e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo [...] a música por esta razão, é um tipo de expressão humana dos mais ricos e universais e também dos mais complexos e intrincados (Ferreira, 2002, p. 13).

Utilizando a música podemos atingir e estimular nos alunos uma compreensão maior e melhor do conteúdo, tendo em vista a aproximação do ouvinte com a música

e o misto de sentimentos que a melodia provoca no cérebro humano. Como afirma Dohme (2009):

O uso da música como um meio de expressão, como um elemento que propicia momentos lúdicos e como este aspecto proporciona o desenvolvimento individual e o convívio em grupo. Não resta dúvida que este contacto é uma forma de despertar, e poderá ser um instrumento para identificar o gosto pela música incentivando o seu estudo e aprimoramento, mas também é verdade que este uso da arte musical leva a experiências outras, como a sociabilização, desinibição, criatividade, descoberta e formação da autoestima. (Dohme, 2009, p. 57-58).

Além da contribuição das músicas no ensino-aprendizagem, a música também auxilia na interação dos alunos e facilita a socialização, tanto no quesito conteúdo, quanto na facilidade de criar laços com seus colegas de turma, tendo em vista que, durante a exposição da música, cria-se um ambiente amistoso, que estimula a comunicação e traz leveza ao espaço, contribuindo com desenvolvimento do seu senso crítico e cognitivo. A música, nesse sentido, é uma solução na construção de laços e estímulos, como afirma Costa

Para que o cérebro desenvolva todo o seu potencial, são necessários estímulos, agindo diretamente em suas centrais de comunicação. Na infância, em especial, este conjunto de estímulos proporcionam o desenvolvimento das fibras nervosas capazes de ativar o cérebro e dotá-lo de habilidade (Costa, 2002, p. 16).

A BNCC, em suas competências gerais, assegura ao estudante o uso de “diferentes linguagens” no ensino, bem como de apropriar-se de “tecnologias digitais de informação [...] de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas práticas sociais”. Para a área de humanas, a Base destaca que,

As Ciências Humanas devem, assim, estimular uma formação ética, elemento fundamental para a formação das novas gerações, auxiliando os alunos a construir um sentido de responsabilidade para valorizar: os direitos humanos; o respeito ao ambiente e à própria coletividade; o fortalecimento de valores sociais, tais como a solidariedade, a participação e o protagonismo voltados para o bem comum; e, sobretudo, a preocupação com as desigualdades sociais. Cabe, ainda, às Ciências Humanas cultivar a formação de alunos intelectualmente autônomos, com capacidade de articular categorias de pensamento histórico e geográfico em face de seu próprio tempo, percebendo as experiências humanas e refletindo sobre elas, com base na diversidade de pontos de vista (2018, p. 353).

Quando debruçamos nas competências destinadas especificadamente a Ciência Geográfica, podemos identificar que, a BNCC, designa a Geografia a responsabilidade de desenvolver nos estudantes a “autonomia e senso crítico” para compreender os acontecimentos locais e mundiais. Para que desse modo o estudante saiba assimilar como a “ocupação humana” (re)produz o espaço geográfico (Brasil, 2018).

Além disso, é importante considerar os conhecimentos geográficos adquiridos, ao longo das aulas, pelos alunos através da utilização da música de autores regionais ou autores diversos que abordem temas que estejam relacionados com a ciência geográfica, despertando a curiosidade nos alunos de conhecerem as composições musicais, os autores da sua região, tendo o professor como mediador, estimulando a participação, a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo e da criticidade do

sujeito. A música causa estímulos que favorecem o aprendizado do aluno e também um bom diálogo entre aluno e professor e aluno com seus colegas, pois,

O humano nasce potencialmente inclinado a aprender, necessitando de estímulos externos e internos (motivação, necessidade) para o aprendizado. Há aprendizados que podem ser considerados natos, como o ato de aprender a falar, a andar, necessitando que ele passe pelo processo de maturação física, psicológica e social. Na maioria dos casos, a aprendizagem se dá no meio social e temporal em que o indivíduo convive; sua conduta muda, normalmente, por esses fatores e por pré-disposições genéticas (Relvas, 2018, p. 91).

A aproximação provocada através da incorporação de músicas em sala de aula proporciona ao professor oportunidades para trazer o conteúdo que, muitas vezes, é visto como maçante ou distante da realidade do aluno, para mais próximo dele, com músicas de artistas que eles ou seu ciclo familiar consomem. Além de desenvolver a curiosidade dos discentes sobre o tema, permitindo-lhes chegarem em indagações e conclusões que talvez não iriam alcançar com uma aula exposta pelo professor, da forma mais tradicional possível.

Sobre a implementação de objetos, livros, revistas e tanto outros elementos que fazem parte da vida dos alunos e que não compreendem a esfera escolar, Vesentini faz sua contribuição sobre inserir o que encanta os estudantes na prática educacional, quando diz que,

O bom professor deve adequar seu curso à realidade dos alunos. Realidade tanto local (a comunidade, o espaço de vivência e suas características) nunca se deve esquecer que os estudos do meio constituem um dos mais importantes instrumentos da geografia escolar-, como também psicogenética, existencial, social e econômica. Se os educandos são fascinados pelos computadores, pela imagem no lugar da escrita, por jogos, então é interessante incorporar tudo isso na estratégia de ensino. Afinal o professor também é um cidadão que vive no mesmo mundo pleno de mudanças do educando e ele também deve estar a par e participar das inovações tecnológicas, das alterações culturais. (Vesentini, 2001, p. 31).

Principalmente quando estamos tratando da ciência geográfica, pois é ela, na Educação Básica, que está sempre em busca de relacionar a teoria com o meio ou realidade em que os alunos estão inseridos. Vesentini (2001) também chama a atenção dos professores que, em quanto sujeitos tal qual os alunos, está inserido na sociedade que vive em constante mudanças e que precisa adaptar-se a elas. Podemos alinhar o pensamento do autor com o de Cavalcanti, quando diz que a:

Incorporação de outras formas de linguagem (ou outras formas de leitura da realidade), como o cinema, a música, a literatura, as charges, a internet. É verdade que a sociedade mudou e avançou em muitos aspectos, e que a escola e o ensino de geografia não têm acompanhado satisfatoriamente essa mudança. Por isso mesmo, a escola e o ensino de geografia precisam, de fato mudar, precisam estar mais ligados à vida social atual (Cavalcanti, 2008, p. 33).

Observamos, então, a crescente preocupação dos teóricos em igualar a Educação da contemporaneidade com os progressos que a tecnologia vem ocasionando na sociedade, no caso de a música utilizar os recursos midiáticos como instrumento no processo de ensino-aprendizagem.

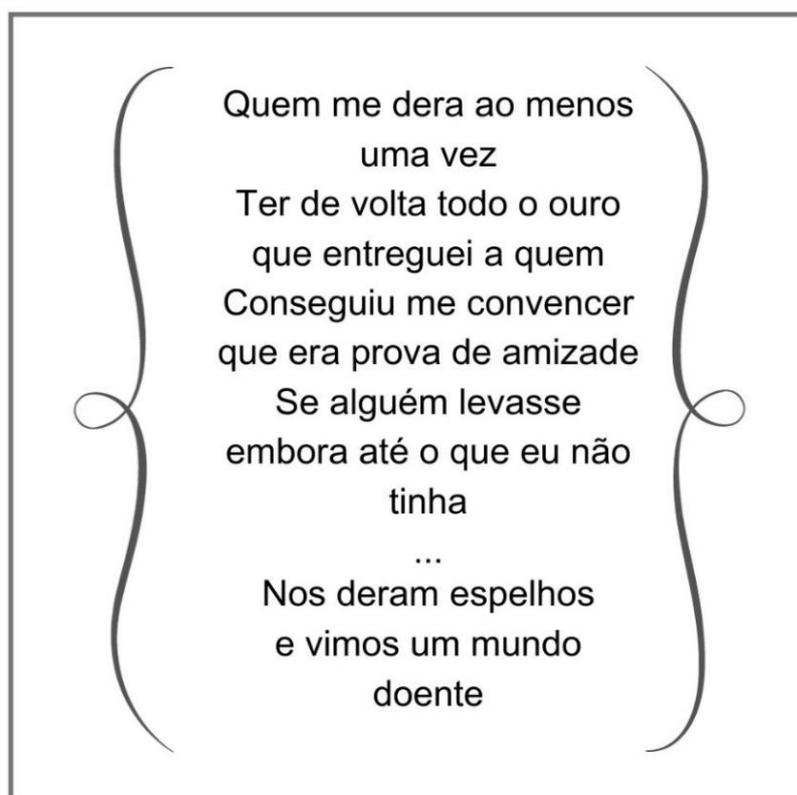
Para além da atenção dos teóricos da educação, é importante que o professor analise e reflita sua prática e, assim, veja os ajustes que são necessários fazer, para

assim alinhar sua prática docente à contemporaneidade. Zeichner (1993) afirma que a reflexão dos professores acerca de suas aulas é tão importante quanto às que as universidades fazem e, partindo desta afirmação, sobre a prática reflexiva, o autor destaca que aqueles que não a faz, muitas vezes deixam escapar oportunidades e meios do cotidiano que são capazes de tornar suas aulas diferenciadas, abordar determinado tema através de “uma série de opções dentro de um universo de possibilidades” (p. 18). Para Zeichner, o surgimento deste termo, surge como “uma reacção contra o facto de os professores serem vistos como técnicos que se limitam a cumprir o que os outros lhes ditam fora da sala de aula” (p.17). Dito isto, o professor-reflexivo é aquele capaz de entender a sua prática e refleti-la, além de contribuir com a educação por meio de suas experiências e estudos sobre as turmas que leciona. No entanto, muitas vezes as suas experiências acabam sendo desconsideradas no momento em que medidas são tomadas para transformar a educação.

6. RESULTADOS

A imersão nos estudos da Região Nordeste do Brasil, ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2023. Inicialmente houve um momento de recapitulação do que já fora visto sobre o conceito de região e as diferentes formas de regionalização do país. Seguindo com o conteúdo, partiu-se para a compreensão de ocupação e povoamento do Nordeste brasileiro, nesta ocasião a música “Índios” da banda Legião Urbana, nos serviu de apoio para melhor compreensão do conteúdo (Figura 03).

Figura 03: Trecho da música Índios, da banda Legião Urbana.



Fonte: letras.mus.br/ editado pelo autor, 2024.

Ela retrata o encontro dos povos originários com os colonizadores, a inocência dos indígenas frente à malícia dos invasores ao entregar seus pertences valiosos por

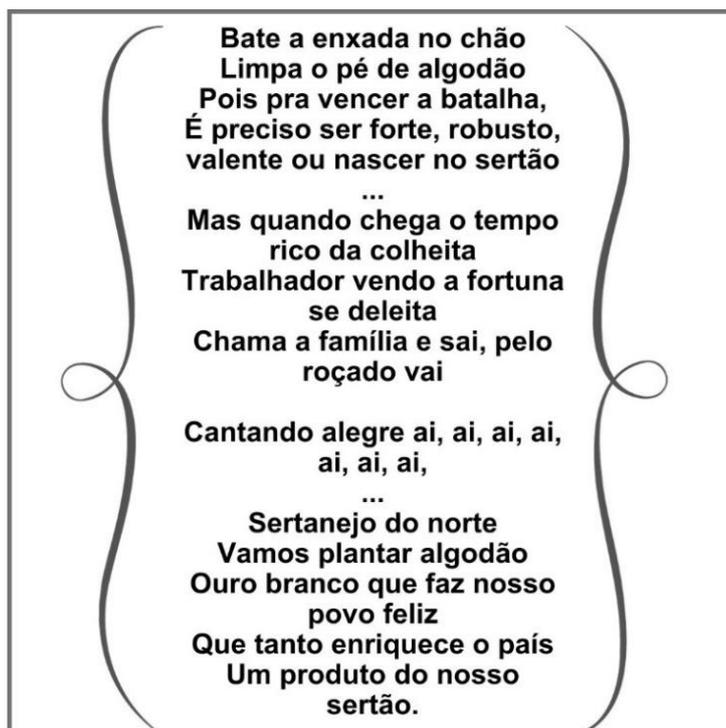
objetos fúteis, mas que, para eles, eram novidade. A vinda dos europeus marcou um novo início na história do Brasil e de toda a América, com eles vieram novas tecnologias, costumes e religiões, mas também causou danos irreversíveis aos povos originários.

É relevante falar que os povos tradicionais tinham seus próprios conhecimentos e riquezas, mas com a chegada dos invasores, houve o desequilíbrio e injustiças que quase dizimaram a população nativa. Ao descrever esses encontros, é possível fazer os alunos refletirem sobre a história e buscar caminhos que tornem a sociedade mais justa.

Seguindo com o cronograma, o encontro seguinte trouxe as glórias advindas do ciclo do algodão na região nordestina, com ênfase no estado da Paraíba, que foi um grande polo de exportação do produto agrícola que ficou conhecido como o ouro branco do Sertão. Neste momento houve a exposição do documentário “História de campina grande - a era do algodão”, que traz a Campina Grande de outrora, a sede de saída do algodão vindo do Rio Grande do Norte e de diversas partes do estado paraibano para o porto da capital pernambucana, Recife.

Ao chegar ao fim da exposição sobre o apogeu do algodão no Nordeste, foi reproduzida a música “Algodão”, do saudoso cantor e compositor Luiz Gonzaga, que levou o Nordeste Brasil a fora com suas canções sobre a região (Figura 04).

Figura 04: Trechos da música Algodão, de Luiz Gonzaga.



Fonte: letras.mus.br/ editado pelo autor, 2024.

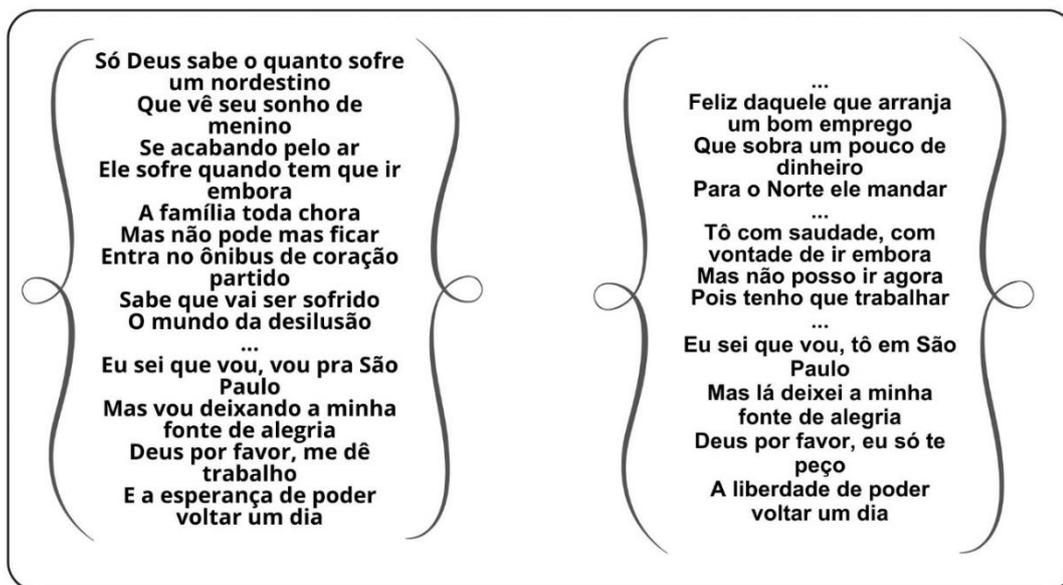
Em sua letra, a música traz consigo a realidade dos nordestinos, não somente no período algodoeiro, mas em todos os aspectos da vida nordestina. É preciso a valentia para suportar os desafios que as características climáticas e econômicas que a região impõe, conforme recita Luiz, ou você é “forte e robusto” ou tenha que nascer no Sertão para “vencer a batalha”, talvez isto explique que o nordestino já nasça com uma força que o faça aguentar as dificuldades que ele possa enfrentar durante sua

vida. Também podemos ver nas estrofes como se dava/dá o processo de plantio, cultivo e colheita do algodão, pela agricultura familiar, uma tradição que segue até os dias atuais. O algodão, nosso ouro branco, possibilitou que diversas cidades da região nordestina pudessem desenvolver-se, um exemplo é Campina Grande, que recebeu linha ferroviária para levar as cargas do produto, os maquinários para o beneficiamento do algodão. Esses fatores foram determinantes para que a cidade fosse conhecida como a Liverpool brasileira, tendo em vista que a cidade inglesa era a maior produtora do produto.

Ao passo que avançamos nos estudos sobre a região Nordeste, iniciamos a discussão relacionada às migrações que ocorreram e ainda ocorrem na região, nesta ocasião, foi-se falado os motivos que fizeram com que, milhares de pessoas, saíssem rumo ao Centro-Sul do país. Neste momento utilizamos o livro didático como suporte metodológico. Fizemos uso da música “Lamento de um Nordestino”, do cantor Francis Lopes, para encerrar o conteúdo de migração.

A canção retrata a vida de um nordestino que deixa o estado do Piauí, sua família e amigos e parte rumo ao estado de São Paulo, no Sudeste do país, em busca de trabalho. Em sua composição, Francis Lopes narra, através de uma ligação para seus pais, como tudo se desenvolve em sua jornada, o sentimento de saudade, as lutas que enfrenta em um lugar novo e desconhecido e sua esperança de um dia voltar para o lugar que tem como seu (Figura 05).

Figura 05: Trechos da música Lamento de um Nordestino, de Francis Lopes.



Fonte: letras.mus.br/ editado pelo autor, 2024.

Além dos fatores e causas relacionados à imigração presentes na canção, no momento após a exposição da música, fora discutido, também, a fé dos nordestinos, a confiança de que tudo dará certo está arraigada ao povo do Nordeste da mesma forma em que a gravidade nos prende à Terra.

Ao falar dos climas presentes na região e das riquezas naturais que o local oferece, foi pertinente trazer a turma a música “Sertão”, de Luiz Gonzaga, que expõe algumas situações que acometem o Nordeste, com ênfase na sub-região sertaneja. Para a aula pudemos dividir a música em duas partes: a) a seca e suas consequências; e b) o descaso que o Nordeste viveu durante anos por parte do governo federal.

Com a análise da música conseguimos compreender os efeitos que a seca causa, como a paisagem muda e, também, a negligência dos governantes ao prometerem fábricas e indústrias para a região e não cumprir, além de transformar “Paulo Afonso, que era a redenção do Nordeste” em um complexo hidrelétrico, afetando diretamente a população local .

Seguindo com os conteúdos programados sobre a questão climática, ao trabalhar sobre o conceito da “indústria da seca”, termo criado por Callado (1960), que, como já fora mencionado, é o meio para se referir ao processo de politicagem que assolava/assola o Nordeste como forma de tornar um determinado político ou grupo político na permanência do poder usando a questão da seca como estratégias em suas ações políticas.

Ao elucidar sobre esta questão, fora utilizada a música “Chuva de Honestidade” do compositor e cantor Flávio Leandro, que retrata exatamente a questão da seca, migração e a indústria da seca, que perpetua a pobreza e a dependência dos nordestinos mais carentes a outro grupo.

Na música “Chuva de Honestidade”, o cantor faz referência a Israel, que, com clima desértico e mais escasso de chuvas usou a tecnologia em favor da agricultura e se tornou uma potência agrícola mundial. No transcorrer da música, o compositor Flávio Leandro, menciona o voto de cabresto, algo que para ele tivesse ficado no passado e que nunca mais veria tal situação em pleno século XXI, mas que isso, infelizmente acontece nos dias atuais, e também da “mão boba” que ilude os nordestinos, fazendo alusão ao desvio de recursos vindos para a região.

Conforme aproxima-se o fim dos conteúdos relacionados a região Nordeste, um dos temas que gerou muita repercussão foi a transposição do rio São Francisco para a porção Norte da região, no momento oportuno houvera uma discussão, apoiada no livro didático sobre os benefícios vindos da transposição, bem como os impactos que esta causou no ambiente.

Utilizamos a música “Deixe o Rio Desaguar” do artista paraibano Flávio José, que elucida bem a questão da transposição do “Velho Chico”, ele coloca em sua letra os rios que receberam água desse rio que é tão importante para o país, menciona que a região irá produzir produtos agrícolas por meio da irrigação e que isso será a salvação do povo nordestino (Figura 06).

Figura 06: Trechos da música Deixe o Rio Desaguar, de Flávio José.



À medida em que eram expostos os conteúdos e reproduzidas as músicas com a finalidade de melhor compreensão dos assuntos discutidos em sala, foram propostas pelo pesquisador/professor atividades, apresentações de trabalhos e rodas de conversas, com a intenção de desenvolver nos alunos o aprofundamento acerca das temáticas discutidas (Figura 07 e 08).

Figura 07: Momento de exposição do conteúdo.



Fonte: Nascimento, 2023.

Figura 08: Momento de exposições e discussões das músicas.



Fonte: Nascimento, 2023.

Para a aula sobre as migrações nordestinas com destino ao Centro-Sul do país, aliado com a disciplina de Arte, os alunos reproduziram obras de artes dos mais renomados artistas do país: Candido Portinari e Mestre Vitalino, as obras foram: Os retirantes, de Vitalino; e Retirantes, de Portinari. A atividade em questão tinha a intenção de retratar as viagens realizadas pelo povo do Nordeste, os flagelados pela seca, que iam buscar melhores condições de vida em outras regiões. Neste momento abriram-se caminhos para mostrar como a arte pode ser uma aliada da sociedade na divulgação do que vem acontecendo, ao denunciar a calamidade que os sertanejos enfrentaram (Figura 09).

Figura 09: Releitura das obras de Portinari e Mestre Vitalino pelos alunos.

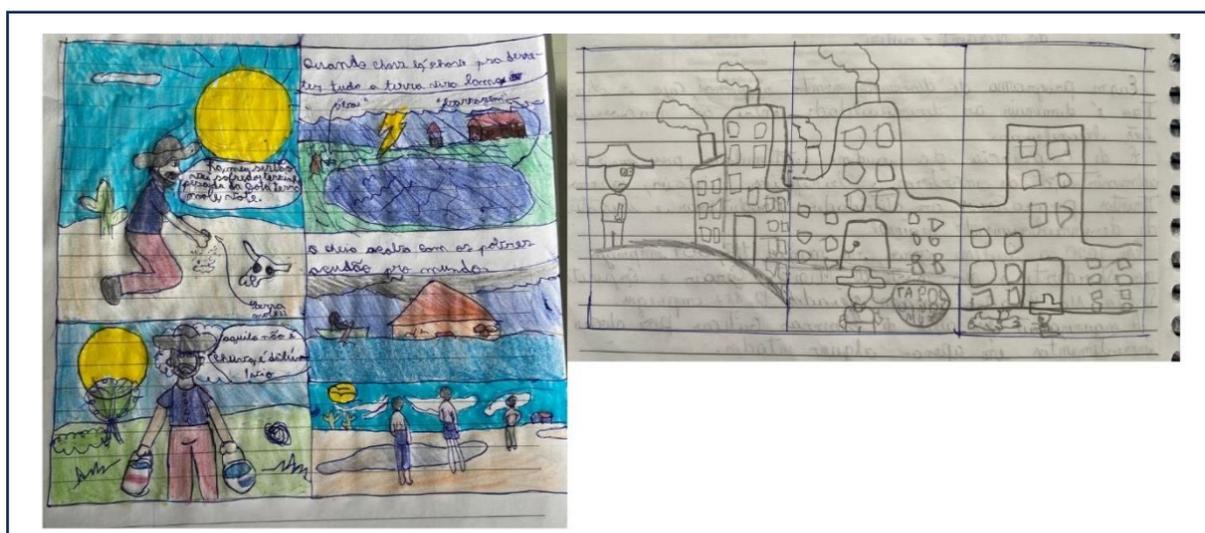
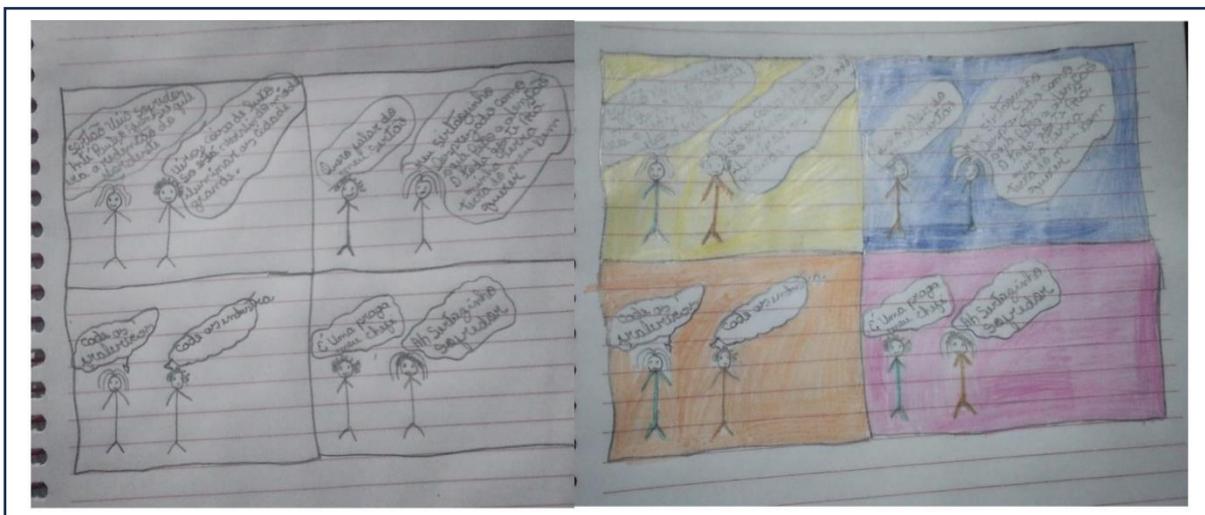


Fonte: Nascimento, 2023.

É importante destacar este momento interdisciplinar que ocorreu, pois ele resulta numa aproximação dos saberes e transmitem aos alunos que os docentes estão sempre trabalhando e buscando meios que aproximem os conteúdos de seus componentes aos outros componentes. Para Fazenda (1979), esse processo atua como um facilitador e se “estabelece segundo um modelo hierárquico linear, a uma relação pedagógica dialógica na qual a posição de um é a posição de todos.” Isso torna evidente que o papel da escola é o de colaborar na aprendizagem e a percepção do mundo pelo estudante (Fazenda, 1979, p. 48-49).

Ainda em uma aliança multidisciplinar com Arte, os alunos puderam reproduzir a música “Sertão Sofredor”, de Luiz Gonzaga, através das HQ- história em quadrinhos, que contribuem para o desenvolvimento de criatividade dos alunos. Nesta atividade foi proposto aos estudantes que reproduzissem um trecho da canção em uma tirinha. Podemos perceber que, o que mais chamou a atenção dos discentes foi a questão climática e denúncia feita pelo “Rei do Baião” as promessas não realizadas sobre as instalações de indústrias no Nordeste (Figuras 10 e 11).

Figura 10 e 11: Tirinhas produzidas pelos alunos, uma leitura da canção Sertão Sofredor, Luiz Gonzaga.



Fonte: Nascimento, 2023.

Encerrando as aulas sobre o tema Região Nordeste, a turma organizou-se entre si e compuseram grupos para uma apresentação, este projeto consistia em os alunos buscarem músicas que falassem sobre o estado nordestino, cada grupo ficou com um estado, mediante um sorteio realizado pelo professor. Fora pedido aos alunos que preparassem matérias para exposição, contendo o nome do estado federativo, o nome da música escolhida e seu compositor/cantor, além de fazer a relação entre a música e a Geografia do local escolhido (Quadro 02).

Quadro 02: Músicas escolhidas pelos alunos para representar um estado nordestino.

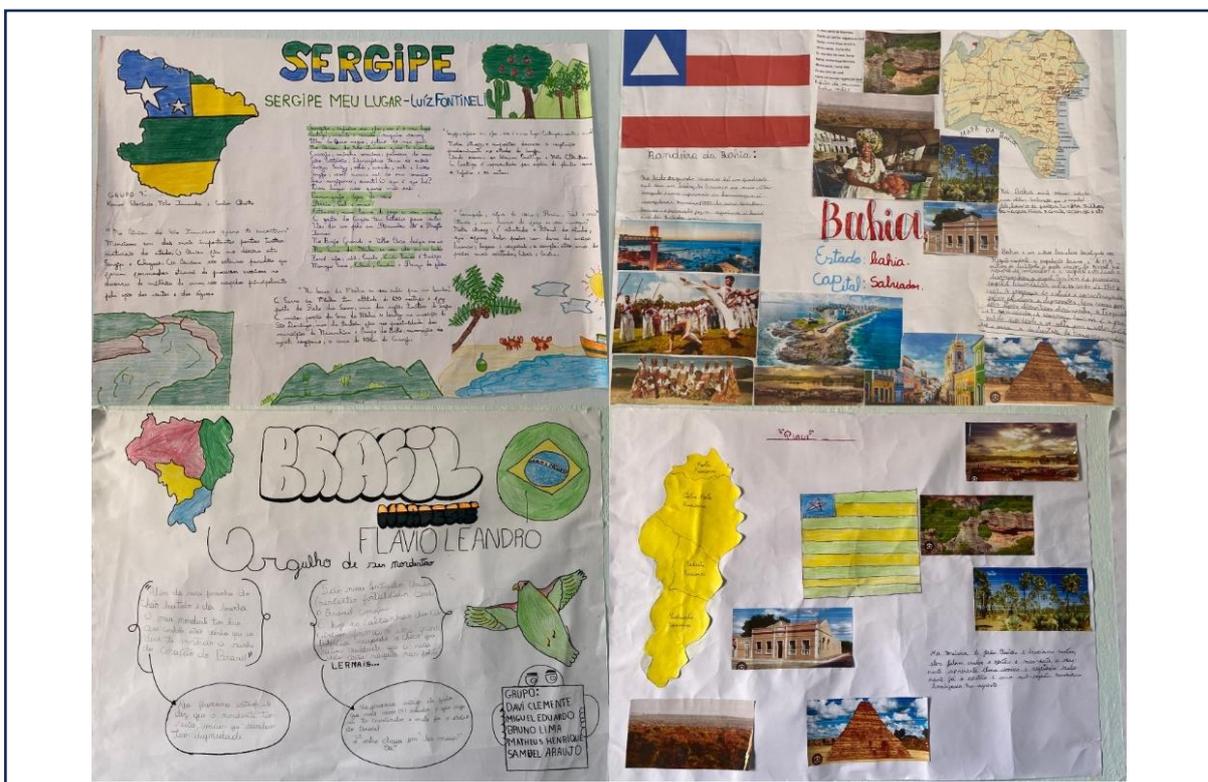
Estados	Músicas	Artista/Banda
Paraíba	Joia Rara	Tom Oliveira
Sergipe	Sergipe o meu lugar	Luiz Fontineli
Pernambuco	Leão do Norte	Lenine
Alagoas	Minha Alagoas é Assim	Winícius Vaqueiro

Rio Grande do Norte	Comedor de Camarão	Allan Persa
Ceará	Ceará Terra de Luz	Italo e Reno
Bahia	Bahia Mãe	Saulo
Piauí	O Piauí que a Gente não ver	João Cláudio
Maranhão	Maranhão Meu Tesouro	Alcione

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

O momento de exposição e apresentação aconteceu entre a própria turma e logo em seguida os alunos convidaram toda a escola para prestigiar sua apresentação, que recebeu o nome “O Nordeste Cantado: um giro pelo Nordeste através das músicas” (Figuras 12, 13, 14 e 16).

Figuras 12, 13 e 14: Material de apresentação





Fonte: Nascimento,2023.

Figura 15: Apresentação do material confeccionado.



Fonte: Nascimento,2023.

A apresentação contou com a presença dos alunos das turmas do 6º, 8º e 9º ano, além dos professores das turmas, vice gestor e coordenadora dos Anos Finais da Secretaria de Educação do município de Lagoa Seca. Este momento de trocas de saberes proporcionou para a turma uma experiência única e valiosa que, sem dúvidas, contribuirá na sua formação estudantil.

Diante dos fatos e momentos apresentados, o estudo da região Nordeste, utilizando a música como um instrumento facilitador no processo de ensino-aprendizagem, podemos perceber seu resultado positivo no processo de ensino, os alunos conseguiram compreender os conteúdos discutidos por meio de canções que a maioria já tinha conhecimento, mas não as viam com olhar geográfico ou como possibilidade de trabalhar com elas dentro da sala de aula.

7. CONSIDERAÇÕES

Ao abordar os conteúdos da região Nordeste, propostos pela BNCC para a disciplina de Geografia em turmas do 7º ano do Fundamental II, por meio de músicas regionais contribuiu de maneira significativa no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

A descontração causada no ambiente da sala de aula por meio das canções favoreceu aos alunos e professor um maior diálogo que fomentou em uma maior oportunidade de debates entre os alunos, mediado pelo professor, outrossim, favoreceu a turma uma bagagem de saberes sobre a sua cultura, a Cultura Nordestina. Compreender as particularidades culturais da sociedade em que se vive é de fundamental importância. Além de colaborar de modo significativo no ensino de Geografia, pois, entre letras e estrofes, conseguimos identificar os elementos e assuntos geográficos abordados no decorrer das aulas sobre a região Nordeste.

Foi possível perceber que o emprego da música como uma ferramenta pedagógica foi capaz de estimular a memória e a criatividade dos estudantes, tornando o processo de ensino mais atrativo e prazeroso. Deste modo é possível, por exemplo, desbravar os elementos presentes nas letras das músicas para trabalhar diversos temas presentes na ciência geográfica, não somente o que fora abordado neste trabalho. A inserção da música no ensino geográfico corrobora para que a Geografia deixe de ser vista como uma disciplina enfadonha e distante da realidade dos alunos, e venha a se tornar uma ferramenta valiosa para compreender e transformar o mundo e a sociedade em que os alunos vivem e são atuantes.

Logo, podemos dizer que a música tem a capacidade de ser um transmissor de saberes e é capaz de desenvolver nas pessoas a criticidade, capaz de ser um instrumento capaz de fazer política, como foi, outrora, durante a Ditadura Militar, que, os compositores e cantores, utilizaram seu espaço para denunciar os horrores vivenciados. Na contemporaneidade ela continua e se fortalece ainda mais como um método de produzir revoluções na sociedade, e inseri-las dentro das salas de aula desenvolverá nos alunos a capacidade de entender o sentido de determinada canção, fazendo-o não apenas um simples ouvinte, mas sim um ouvinte que entende a mensagem que a letra e o ritmo querem transmitir.

Destacamos também que, com a música, conseguimos transcender à Geografia, os momentos interdisciplinares foram valiosos e proporcionaram um momento único para os alunos, contribuindo assim, para um maior interesse deles nas disciplinas envolvidas, além de estimular os professores da escola a envolverem

suas disciplinas com outras, abrindo caminho para possíveis integrações de aulas, corroborando com a interdisciplinaridade proposta pela BNCC.

REFERÊNCIAS

ALGODÃO. Interprete: Luiz Gonzaga. Compositores: Luiz Gonzaga; Zé Dantas. In: **Luiz Gonzaga canta seus sucessos ao lado de Zé Dantas**. Interprete: Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1958. 1 Disco de vinil, lado 1, faixa 3 (2:30 min).

ANDRADE, Manuel C. **A Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo, Brasiliense, 1963b, 265p. 2. ed.: São Paulo, Ed. Brasiliense, 1964. 3. ed.: (revista e atualizada), 1973. 4. ed. (revista e atualizada). São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1980. 5. ed.: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. São Paulo, Atlas, 1986. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANDRADE, Schmid. **Metodologias de pesquisa em geografia**. Paraná: Unicentro, p. 12, 2015.

BRASIL. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20.12.96. **Diário Oficial da União**, v. 84, n. 248, 23 dez. 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998. P. 436.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. 600 p.

BRASIL. **Lei Complementar Nº 125**, DE 3 DE JANEIRO DE 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp125.htm.

CALLADO, Antônio. **Os industriais da seca e os “galileus” de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: Ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

CHUVA de Honestidade. Interprete: Flávio Leandro. Compositor: Flávio Leandro. In: **Frutificando**. Interprete: Flávio Leandro. Pernambuco, Funcultura, 2016. DVD, faixa 23 (4:38).

COLOMBO, Lucilélia Aparecida; GILENO, Carlos Henrique. A contribuição de Celso Furtado para o Nordeste Brasileiro: do nascimento da SUDENE às transformações

atuais. **Revista Política e Planejamento Regional** – ISSN 2358-4556 Rio de Janeiro, Vol. 6, No. 2, maio a agosto 2019 - publicado em maio de 2019.

COSTA, S. B. **Importância da música para as crianças**. São Paulo: Abe música, 2002.

CORRÊA, Roberto. L. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

CORRÊA, Roberto L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003, p. 49-76.

CROZAT, D. Jogos e ambiguidades da construção musical das identidades espaciais. In DOZENA, A. (Org.); **Geografia e Música: Diálogos**. EDUFRN. 1.ed. Natal - RN, 2016.

DEIXE o rio desaguar. Interprete: Flávio José. Compositor Aracilio Araújo. In: **Seu Olhar não Mente**. Interprete: Flávio José. Rio de Janeiro, GMG, 2000. CD, faixa 8 (2:58 min).

DOHME, V. **Atividades Lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 57 e 58.

DUARTE, Renato. “Seca, pobreza e políticas públicas no nordeste do Brasil”. In: ZICARDI, Alicia (Comp.). **Pobreza, desigualdad social y ciudadanía: los límites de las políticas sociales en América Latina**. Buenos Aires, CLACSO. p. 425-440. 2001. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/pobreza/duarte.pdf>>. Acesso em: 07/11/2023.

FAZENDA, Ivani C. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Loyola, 1979.

FERREIRA, M. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FURTADO, Celso. Política de Desenvolvimento Regional: questão periférica no pacto federativo brasileiro. In: BRANDÃO, C.; SIQUEIRA, HIPÓLITA. **Pacto federativo, integração nacional e desenvolvimento regional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

GOMES, P. C. da C. (1995). O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E. de et al. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 49-76.

GUITARRARA, Paloma. **Clima semiárido**; Brasil Escola. Disponível em: <https://Brasilecola.uol.com.br/geografia/clima-semiarido.htm>. Acesso em 05 de novembro de 2023.

HISTÓRIA de Campina Grande - a era do algodão. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (19:16 min). Publicado pelo canal O Descobridor. Disponível em: <https://youtu.be/tTCuPC0ihIU?si=LI3PX94XeFVauhF->. Acesso em: 24/10/2023.

IBGE – **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/Brasil/pb/lagoa-seca>. Acesso em: 08 jun. 2023.

ÍNDIOS. Interprete: Legião Urbana. Compositor: Renato Russo. In: **Dois**. Interprete: Legião Urbana. Rio de Janeiro, Emi-Odeon, 1986. 1 disco em vinil, faixa 12 (4:18 min).

KAERCHER, André Nestor. Práticas geográficas para ler pensar o mundo, converentendensar com o outro e entenderscobrir a si mesmo. In: REGO, Nelson(org.). **Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. Rio Grande do Sul: Artemed, 2007. p. 30.

KOERICH, M. S.; BACKES, D. S.; SOUSA, F. G. M. de; ERDMANN, A. L.; ALBURQUERQUE, G. L. Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 11, n. 3, 2017. DOI: 10.5216/ree.v11.47234. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/47234>. Acesso em: 12 mar. 2024.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica/** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LAMENTO de um Nordestino. Interprete: Francis Lopes. Compositor: Francis Lopes. In: **Francis Lopes, Acústico**. Interprete: Francis Lopes. São Paulo, MD Digital Music, 2002. DVD, Faixa 5 (5:14 min).

LENCIONI, Sandra. Região e Geografia: a noção de Região no pensamento geográfico. In: CARLOS, A. F. A. (org). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 2013.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido - uma visão holística**. – Brasília: Confea, 2007. 140p. – (Pensar Brasil).

MATOS, Marcos Paulo Santa Rosa. Famílias desagregadas sobre a terra ressequida: indústria da seca e deslocamentos familiares no Nordeste do Brasil. **Nômadás**. N. Especial. Madrid/Espanã: Universidad Complutense de Madrid, 2012.

MIRANDA, R. A. de. Breve história da agropecuária brasileira. In: LANDAU, E. C.; SILVA, G. A. da; MOURA, L.; HIRSCH, A.; GUIMARAES, D. P. (Ed.). **Dinâmica da produção agropecuária e da paisagem natural no Brasil nas últimas décadas**:

cenário histórico, divisão política, características demográficas, socioeconômicas e ambientais. Brasília, DF: Embrapa, 2020. v. 1, cap. 2, p. 31-57.

PACHECO, Elza Dias (org.). **Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970, p. 387.

RELVAS, M. **Neurociência e educação**. Potencialidades dos gêneros humanos em sala de aula. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

RICHARDSON, et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço-Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton.(1999). Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 6, p. 5-20, jan./jun.

SEMIM, Souza MCBM. Professor como facilitador do processo ensino-aprendizagem: visão do estudante de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, 2009.

SENE, Eustáquio de. Geografia geral e do Brasil, 7º ano : ensino fundamental, anos finais. Eustáquio de Sene, João Carlos Moreira. 1ª ed. São Paulo : Scipione, 2018.

SERTÃO Sofredor. Interprete: Luiz Gonzaga. Compositores: Joaquim Augusto; Nelson Barbalho. In: **O Reino do Baião**. Interprete: Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro, RCA Victor, 1958. 1 disco vinil, lado 1, faixa 3 (2:30 min).

SILVA, Renágila Soares da. **A importância da música nas aulas de geografia: práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia**. 2015. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015. / Renágila Soares da Silva. Cajazeiras, 2015. 45f.: il.

SOUZA, Jusamara (org.). **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: Corag, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928- **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. Augusto Nivaldo Silva Triviños. São Paulo, atlas, 1987.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino de Geografia: Instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, A. F. A. (org.). **A Geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

ZEICHNER, Kenneth M. - **A formação reflexiva de professores** : ideias e práticas. Lisboa : Educa, 1993. (Educa : Professores; 3). ISBN 972-8036-07-8.09.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Deus Trino pelas bençãos a mim concedidas, por Sua proteção durante o trajeto na BR até à universidade e da parada no ponto de ônibus até minha residência, tarde da noite. Sou grato a Ele por Sua orientação em toda minha trajetória estudantil, me mostrando que sou capaz de galgar qualquer caminho.

Agradeço a minha família, meus pais, Nusa e Valdir; meus irmãos, Gabriela, Isabela e Eduardo, por todo apoio durante esses anos, sempre me incentivando e proporcionando meios para que eu pudesse continuar na universidade. Também agradeço à minha avó, Maria Regina (*in memoriam*), que mesmo não sendo uma presença física, está sempre em meus pensamentos me encorajando. Essa conquista é tão deles quanto minha.

À minha orientadora, Prof.^a Ms. Nathália Rocha Morais, por todo o empenho, dedicação e responsabilidade, assim como por ter disponibilizado seu tempo durante as férias para me orientar na elaboração deste trabalho com extrema atenção e gentileza. Sua orientação e apoio foram fundamentais para o sucesso deste projeto, expresso minha eterna gratidão a você.

Aos meus amigos da turma que me acolheu e me fez um deles: Márcia, Núbia, Vitória e Douglas, os quais sempre estiveram presentes nos momentos positivos e desafiadores, me apoiando e compartilhando saberes comigo. A cumplicidade e o apoio mútuo que compartilhamos são tesouros que guardarei para sempre em meu coração. Juntos, enfrentamos desafios, celebramos conquistas e nos fortalecemos em cada passo dado. Que nosso companheirismo continue sendo um refúgio de amor e amizade.

Sou grato também pela amizade de Kaliane, Josiete, Sandy, Rosane, Alexsandro, Diego, Wilian, Eduarda e Joel. Vocês foram fundamentais para mim, ao lado de cada um pude vivenciar momentos inesquecíveis. Gratidão por fazerem parte da minha história e por tornarem cada dia mais especial ao meu lado.

Aos meus estimados mestres do Departamento de Geografia, que contribuíram de modo significativo na minha vida profissional, em especial ao professor Me. Faustino Moura Neto, Dra. Marta Buriti, Dr. João Damasceno, Me. Jordânia e Dra. Izabelle. Minha admiração, meu respeito e estima por cada um de vocês, suas vidas são inspiradoras.

Aos meus pequenos da turma do 7º ano da Escola Municipal Machado de Assis, por se dispor a imergir no mundo das músicas e extrair delas assuntos relacionados à Geografia. Meu desejo é que, cada um de vocês, consigam realizar seus sonhos e metas.

Agradeço à banca examinadora, nas pessoas da prof.^a Dra. Maria Marta dos Santos Buriti e da professora Maria Juliana Leopoldino Vilar, por toda contribuição, colaboração e partilha de saberes que foram valiosos para esta pesquisa.